

UM HUMANISTA

Acad. Roberto Akira Goto

Violência, impotência, fome e fartura; imperialismo, igualitarismo, opressão e submissão; desesperança, incerteza e otimismo: o elenco de contradições que norteiam o nosso século. Escolha mal feita, evidentemente, e é nisso precisamente que reside a maior contradição. O mundo perdeu-se: terá possibilidades de reencontrar-se, ou melhor, de encontrar-se pela primeira vez ?

Alguém se surpreenderá se souber que todas as incoerências, toda a tragédia escatológica do homem moderno resumem-se, em última análise, no fato de já não haver relações autênticas entre os seres humanos. Os maiores males do universo são, no final, um só: os indivíduos, os povos e as sociedades deixaram de se reconhecer. De um lado, domina-se e oprime-se; de outro, se é dominado e oprimido.

Das pessoas aos países, é essa inautenticidade de relacionamento que faz da existência uma peça tão dramática e absurda. Todas as formas de diálogos que na verdade não passam de monólogos-a-dois, todos os colonialismos e neocolonialismos são variações de um mesmo tema: dominação-subordinação. E se populações morrem de desnutrição enquanto outras morrem de indigestão, é porque as últimas não se deram conta sequer de que as primeiras são, igualmente, constituídas por seres humanos.

O grande problema da humanidade é um problema de ótica. A incapacidade de alguns enxergarem nos outros os seus semelhantes, a ausência de respeito e reconhecimento mútuo. E num mundo onde se prega e apregoa a igualdade, os homens só podem, na verdade, praticar a liberdade de serem desiguais, de direito e de fato.

Por dezenas de vezes, idéias como essas foram repetidas nas aulas de um sacerdote que dedicou vinte e dois anos de sua vida ao magistério universitário. As afirmações não são necessariamente originais, mas sinceras. O que significa: o humanismo não era somente pregado e anunciado, era vivido e praticado.

Hoje, se alguém se lembra dele, pensa logo em sua estatura de homem lúcido e aberto, invariavelmente disposto ao diálogo e ao entendimento. Era respeitado porque respeitava. Era reconhecido porque reconhecia. Não há melhor definição do que a de um professor: "as relações que ele estabelecia com os seus alunos eram antes de tudo afetivas". Por isso, o diálogo resultava, quase sempre, em colóquio.

O relacionamento, em verdade, testemunhava uma coerência profunda entre o pensar e o agir. Dizia que "o mal do homem não está em procurar sua auto-afirmação, mas em substituir o alter pelo ego, fazendo com que o outro seja apenas um **segundo eu** e não o **tu**". Tinha consciência de que a ambigüidade e a aspereza assinalam e limitam todo encontro de consciências. E acabava mostrando que o diálogo só é autêntico quando propõe a compreensão e não o conflito: "o sábio é aquele que alcança o equilíbrio entre o dizer e o silêncio, silêncio não daquele que cala, mas daquele que ouve".

São frases que traçam um perfil incompleto, mas suficientemente nítido, do homem e do humanista que foi o padre e professor José Narciso Vieira Ehrenberger. Revelam a perfeita integração entre o pensador e o educador. Pensador que era "simplesmente brilhante" no dizer do cônego Amaury Castanho; e educador que "levou às últimas conseqüências a tarefa de ensinar e formar consciências", segundo o presidente do Diretório Acadêmico de Ciências Humanas, que acaba de adotá-lo como patrono.

De toda forma, alguém que, apesar de convencer-se filosoficamente da contingência do ser humano, fez-se (e não foi feito) socialmente necessário, tanto às gerações que puderam constituir-se sob sua sombra, como àquelas que jamais o conhecerão mas que sentem, agudamente, a falta de personalidades como a dele. Sua morte abre um vácuo insuperável no ensino da Filosofia e das Ciências Humanas na cidade.

Todos que vierem após ele poderão ocupar-lhe o lugar, mas não sucedê-lo. Porque seu trabalho era sobretudo o da criação; não o da reprodução. De Sócrates a Sartre, de Marx a Marcuse, de Hegel a Heidegger, cada filósofo tomava vida em suas palavras. Recriava a realidade e, dessa forma, alargava horizontes, abria perspectivas, descobria nos fatos banais da existência significados então insuspeitados e inapreendidos.

Confirmou a tese sartreana: a morte é um absurdo. Não apenas a morte que interrompeu a concretização de seus projetos de existência, impediu-o de continuar a ser-para-diante-de-si, roubou-lhe o direito de

realizar o presente e planejar o futuro. Mas também aquela que privou estudantes (personalidades provisórias, consciências em formação) de sua convivência, de seu pensamento, da orientação que estabelecia a ordem onde antes só havia caos.

Como disse alguém, um filósofo autêntico, mestre insubstituível. Um dos últimos representantes de uma safra de intelectuais e pensadores que erigiu como norma de vida e de pensamento a preocupação com a consciência e o humanismo. Muitos anos passarão até que a terra esteja boa novamente para produzir outro igual.